

Reconfigurações da mediação jornalística na contemporaneidade: Processos colaborativos de construção de notícias no CNN iReport & NowPublic

Beatriz Becker & Oscar Martín Maldonado

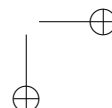
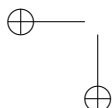
Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: beatrizbecker@uol.com.br,

oscar.martin.maldonado@gmail.com

AS FRONTEIRAS ECONÔMICAS, geográficas e culturais têm ficado cada vez mais tênues na contemporaneidade por causa da globalização. E a comunicação passa a exercer um papel cada vez mais central na vida cotidiana no mundo. Os usos e apropriações das tecnologias digitais promovem outras formas de transmissão, processamento e armazenamento da informação. E o fluxo acelerado conteúdos e formatos de notícias que circulam nas plataformas digitais, marcados pelo imediatismo, pela conexão, e pela interatividade, transformam relações políticas e influenciam diferentes rotinas produtivas e também o jornalismo. O impacto da chamada “economia digital” na cultura, na indústria, na pesquisa científica, na educação, e no entretenimento é muito expressivo porque o desenvolvimento das redes de comunicação transforma radicalmente a vida social, tanto as relações de trabalho, quanto a socialização e o lazer.

A sociedade da informação, hoje amplamente digitalizada, tem se transformado, segundo Mattelart (2002, p. 135), em um eixo do projeto geopolítico mundial, cuja função é garantir o reordenamento do planeta ao redor dos valores de mercado e do avanço tecnológico. Está associada aos princípios neoliberais de reconstrução do mundo, principalmente porque as novas tecnologias apóiam e coincidem com a aceleração da expansão do capital. Para Sodré (2008, p. 12-18) a m dia influencia e exerce poder na constru o da realidade social por meio da moldagem de percep es, afetos, significa es, costumes e da produ o de efeitos políticos, baseada na intera o em tempo real e na possibilidade de cria o de espaços artificiais ou virtuais. A compreensão desse processo, porém,   questão complexa, e, certamente, também a reflexão sobre as reconfigura es das práticas e das media es jornalísticas na atualidade. Segundo Johnson (2001, p. 208) experimenta-se na atualidade



a cultura da interface. A comunicação parece ser mais importante do que a própria informação, enquanto os mundos da tecnologia e da cultura estão colidindo, os espaços – informação agem amplamente como metáforas visuais, são a grande realização simbólica de nosso tempo, e passaremos as próximas décadas nos ajustando a ele (JOHNSON, 2001, p. 194) Hoje, qualquer pessoa moderadamente à vontade com um computador torna-se capaz de inventar seus próprios espaços-informação e de partilhá-los com amigos ou colegas. Como explica Antoun (2001; 2008), algumas dessas implicações revelam-se como afrontas de contra poder. O autor se refere aos traços da nova mídia e da cibercultura, destacando que antes da emergência delas, parecia que toda resistência ao capitalismo globalizado estava fadada aos gemidos impotentes da recusa à globalização ou à lamentação do continua enfraquecimento dos velhos meios de luta (sindicatos, partidos, estatização dos serviços). De fato, as apropriações das novas mídias demandam estudos sobre as maneiras pelas quais os cidadãos interagem com a informação na construção das relações de poder e sobre os valores e os usos que as novas tecnologias perpetuam (Johnson, 2001, p. 192), questões que intervêm na compreensão do jornalismo como prática social e fenômeno cultural. Para Shoemaker (2009) a informação sobre acontecimentos percorre o mundo em um ritmo acelerado, mas os fatos ocorrem dentro de uma localidade física, ancorados no interior de um país, mesmo quando o sistema midiático faz parte de um conglomerado internacional. Compreende-se que os sentidos dos acontecimentos também são atribuídos em função das singularidades dos distintos contextos sócio-culturais do mundo *offline*¹. Por isso, como propõe Johnson (2001, p. 194) é tão essencial reconhecermos a riqueza e a complexidade do jornalismo e sua relevância como expressão de relações entre comunicação e cultura, buscando compreender porque as práticas jornalísticas são importantes e ne-

1. É possível observar que a informação que pode ser importante e ainda interessante no México, pode ter pouca ou nenhuma cobertura na França ou na Índia, e ainda que os interesses dos portais jornalísticos sejam semelhantes na seleção das notícias disponibilizadas as relações dos usuários estabelecidas com as ofertas de informação serão diferentes em acordo com os distintos contextos culturais e políticos. Como um cardápio de informações disponibilizadas aos leitores, o *Newsmap* é uma aplicação ou software que publica, mediante um mosaico noticioso, as mudanças que acontecem no *News Aggregator* do Google. Pedacos de informação são espalhados em blocos de diferentes cores e tamanhos, dependendo da cobertura que o fato recebe no mapa noticioso, por região (país), tópico ou tempo. O processo informa sobre a importância da notícia por localização geográfica.

cessárias na atualidade. Segundo Löffelholz & Weaver (2008, p. 253-264), a contínua institucionalização dos estudos em jornalismo não apenas demonstra o crescimento da importância desse campo de conhecimento, como também revela que não pode mais ser operado dentro de limites nacionais. Para Zelizzer (2004, p. 177), o jornalismo é um fenômeno cultural abrangente que agrega traços culturais das práticas jornalísticas e dos jornalistas por meio de padrões estabelecidos (quase tacitamente) com pessoas que não são jornalistas mas mesmo assim estão envolvidas em formas diversas de argumentação, expressão, representação e produção, o que constitui -se em uma diretriz importante para a elaboração de um pensamento crítico sobre os efeitos dos usos da Internet e do computador nas dinâmicas rotinas produtivas do jornalismo na atualidade, especialmente na produção de conteúdos noticiosos colaborativos.

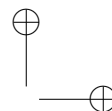
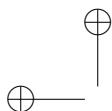
A passagem de uma cultura do jornalismo praticada nos meios massivos para o ambiente virtual abrange mais do que a produção e leitura de relatos jornalísticos na tela de um computador, é caracterizada por relações não estabelecidas pelo contato pessoal, mas pela ligação em rede de cidadãos entrelaçados pelas lógicas não lineares das redes sociais e dos *sites* de notícias e entretenimento. Experimenta -se formas novas de gestão, produção e consumo de informação. E ainda que os efeitos dessas mudanças nem sempre sejam totalmente compreendidos, as rotinas produtivas do jornalismo no ambiente digital geram possibilidades de construção de sociedades mais descentralizadas, por meio da inserção de sujeitos e vozes nunca antes vistos nas hierarquias midiáticas massivas, especialmente nas telas da tevê e do computador. A digitalização do mundo, e os usos da rede e do computador impõem, efetivamente, novas questões sobre como a sociedade se comunica e se informa, e sobre as relações de poder estabelecidas entre quem produz e consome a informação. No campo do jornalismo, os estudos sobre a produção de conteúdos colaborativos que desenvolve -se de forma absolutamente instantânea, e entre espaços geográficos distantes e contextos culturais distintos, torna-se questão relevante, buscando fornecer algumas respostas sobre como se tecem e constroem os atuais processos de comunicação, observando não apenas como os fatos são relatados, mas apresentando perspectivas capazes de contribuir para a promoção de sociedades mais democráticas. O fato de evidenciarmos produtos digitais que combinam princípios e práticas jornalísticas com a participação ativa de milhares de pessoas nos processos de construção de informação

cria também a necessidade de avaliar a dinâmica e a qualidade das notícias disponibilizadas. Por isso, a maior motivação desse trabalho é investigar as formas de participação de novos atores sociais na elaboração dos textos jornalísticos, e verificar se a produção jornalística colaborativa no ciberespaço pode se constituir em modos diferentes e mais diversos de representar as realidades sociais locais e globais, contribuindo para um jornalismo de maior qualidade que não esteja submetido às estruturas hierárquicas, às temáticas e às abordagens da mídia massiva e tradicional.

Este artigo busca, portanto, compreender as características dos processos de produção de conteúdos colaborativos no ciberespaço por meio da análise comparativa quantitativa e qualitativa. Estudar os modos como são construídas as notícias nos sites que propõem abordagens dos acontecimentos mais diferenciadas e independentes daqueles que são produzidos pelas grandes empresas, observando a qualidade da informação disponibilizada é, em síntese, o foco dessa investigação. Para alcançar esse objetivo é realizado um estudo das coberturas jornalísticas dos terremotos do Haiti e do Chile, que aconteceram nos dias 12 de janeiro e 27 de fevereiro de 2010, respectivamente, pelos sites de redes colaborativas NowPublic e CNN iReport. A escolha desses dois acontecimentos não foi por acaso. Sua importância reside na atenção que os dois desastres naturais receberam nas suas edições. Além disso, como eventos inevitáveis no cotidiano do mundo atual, os desastres naturais figuram como incertezas e como riscos latentes impossíveis de prever. Em acordo com Vaz (2006, pp. 10-11) a emergência do risco gera mudanças expressivas nas articulações entre mídia e sociedade, principalmente porque incrementa o papel dos meios, os quais se legitimam como portadores competentes de alertas sobre os riscos, propondo, ao mesmo tempo, maneiras de contorná-los.

Os sites selecionados têm expressivos índices de visitação na internet e uma ampla base de usuários. Segundo o Mediaweek Report², o iReport recebeu mais de 4 milhões de *video streams* no final de 2008, com uma média de incremento mensal de 22 por cento até o primeiro trimestre de 2010, e mais de 2,5 milhões de usuários únicos no início de 2009. O iReport é um produto multimídia que promove entre seus usuários / contribuintes o envio de material noticioso (texto, fotografias ou vídeo) para ajudar na contextualização sobre os acontecimentos e para fornecer maior quantidade de dados relevantes. Foi

2. Disponível em: www.mediaweek.com/mw/index.jsp

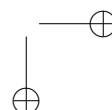
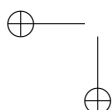


adquirido pela CNN em 2008 e, como o NowPublic, não oferece recompensas econômicas pelos conteúdos publicados pelos membros cadastrados. Já o NowPublic tem uma rede de mais de 250 000 contribuintes que enviam matérias desde 160 países sobre política internacional, economia, meio ambiente, entre outros conteúdos.

Assumindo-se a notícia como um produto estratégico para a apreensão da vida social e o jornalismo como forma de conhecimento (MEDITSCH, 1997, p. 10), ainda constitui-se como objetivo específico deste trabalho apontar de que modo os conteúdos colaborativos jornalísticos publicados nas redes começam a incorporar processos de hibridização de suportes e linguagens na construção da informação. Para realizar a análise comparativa qualitativa e quantitativa proposta serão aplicadas categorias originárias dos estudos de jornalismo digital e jornalismo audiovisual, que permitem compreender melhor essas mudanças. Este trabalho também pretende apresentar perspectivas sobre os atuais processos de interação da recepção nas redes colaborativas, investigando a dinâmica de recepção e os usos e apropriações de informação na *web*, através de ferramentas como o Twitter. Considera-se como hipótese que as redes colaborativas constroem seus conteúdos através do envolvimento de novos atores midiáticos e que os conteúdos colaborativos incorporam novas formas de produção e circulação da informação, mas não garantem maior qualidade na informação jornalística na *web*. Em caso de desastres naturais, as redes colaborativas servem essencialmente como veículos de circulação de informação com propósitos humanitários, mas não, necessariamente, para disponibilizar informações jornalísticas capazes de contribuir para apreensões mais plurais e contextualizadas do acontecimento.

Mídias participativas e redes colaborativas jornalísticas

Usos e apropriações das tecnologias digitais têm transformado a comunicação massiva, centralizada e hierarquizada e gerado novas formas de comunicação e de relações entre diferentes comunidades no ciberespaço. E a mídia como um aparato tecnológico de produção de informação sofre mutações e experimenta modificações em suas estratégias, em busca de outros vínculos e cumplicidades com os cidadãos. A inserção de novos atores sociais na produção de conteúdos nas plataformas digitais capazes de criticar e participar dos



contextos sócio-culturais provoca uma fratura da oferta midiática, em função da diversificação das audiências e das novas linguagens (MARTIN - BARBERO, 2001, p. 75-76). Quando a revista norte-americana Time publicou em dezembro de 2006 a sua edição anual na qual elegeu a personagem mais destacada do ano, o *Time's Person of the Year*³, os editores da publicação tomaram uma decisão que ajudou a pavimentar um caminho de possibilidades para a denominada *Social Media*. Na capa da influente revista, a página refletia – em uma brilhante folha de cor metálica – toda pessoa que segurava a publicação nas mãos. Isto é porque o sujeito do ano da revista era *You* (Você). Esquecendo de personagens famosas ou políticos proeminentes, a publicação reforçou categoricamente a chegada da cultura do “Eu faço”, de um momento histórico na comunicação em que é o poder dos cidadãos é reconhecido na formação da cultura midiática na Internet. A invasão de aplicações e softwares que explodiu na rede, sob o conceito da Web 2.0, foi o que influenciou a revista e, como uma mensagem de previsão, a internet começou a evoluir, em direções exploradas até hoje. A Web 2.0 e a cultura da colaboração no ciberespaço são as bases das experiências de troca de informação, com usos flexíveis e personalizados de softwares para compartilhar a produção multimídia na atualidade. Web 2.0 é um termo da internet para mencionar a cultura participativa que se estabeleceu como uma realidade social onde qualquer pessoa, dado ou acontecimento é acessível para todos. É o que no mundo da internet se denomina como a filosofia da interatividade, a experiência *on-line* que permite aos usuários colaborar, criar, editar qualquer conteúdo no ciberespaço e interagir com outros (SIEGEL, 2008, p. 131). As redes sociais na internet constituem-se como ferramentas de socialização e as práticas de participação e de colaboração entre os usuários de uma mídia digital se materializam em várias formas porque são o resultado do tipo de uso que os atores sociais fazem das suas ferramentas. Segundo Recuero (2009, p. 94, p. 102) embora essas redes não sejam elementos novos na internet, elas são uma consequência da apropriação das ferramentas de comunicação mediada pelo computador pelos atores sociais.⁴ Um dos campos de saber que tem mais aproveitado as

3. <http://www.time.com/time/covers/0,16641,20061225,00.html>

4. O uso de redes sociais no mundo registra índices elevados. Segundo a pesquisa do IBOPE e Nielsen, o planeta gasta mais de 110 bilhões de minutos em redes sociais e blogs, o que equivale a 22% do total de tempo *on-line*, ou um em cada 4,5 minuto. No caso do Brasil, o uso delas está na frente de países como França ou Alemanha, já quem em média,

vantagens da Web 2.0 e da cultura de publicação de conteúdos colaborativos é o jornalismo, buscando reafirmar a sua mediação entre as fontes e os leitores e também entre diferentes poderes e instituições⁵. Para Barbosa (2001, p. 4) a digitalização da informação instaura uma nova era para o jornalismo, do sistema de produção à distribuição de conteúdos, inclusive do processo de redação jornalística e de modelos de produção de notícias. Bowman & Willis (2003, p. 25) apontam que um ambiente de publicação colaborativo está desenhado para permitir aos participantes cumprirem vários papéis: criadores de conteúdos, moderadores, editores e leitores. As apropriações da tecnologia digital pelos usuários revelam que os cidadãos conquistam algum poder na produção de informação, o que pode se configurar como fenômenos de democratização da prática jornalística. Os usuários passam a ter a possibilidade de sugerir e cooperar nos processos de seleção e apuração de pautas nas redações, virtuais ou não, da mídia tradicional. Na opinião de Alves (2006, p. 101), o jornalismo deixou de ser privilégio dos jornalistas e os próprios meios de comunicação que entenderam isso e hoje estão convidando constantemente os seus leitores, telespectadores ou ouvintes a enviar suas contribuições. Nesse sentido, a questão da descentralização de poderes na produção de conteúdos noticiosos torna-se relevante. Para Träsel (2008, p. 4), a produção e circulação de notícias desvinculadas de grandes empresas de comunicação e da imprensa oficial, praticadas até mesmo por pessoas sem formação em jornalismo, têm também um sentido político, sendo com frequência um instrumento de resistência e ativismo. E esse ativismo político tem manifestações práticas, segundo Miel & Faris (2008, p. 16), pois a influência da mídia participativa no panorama informativo está condicionada pela sua habilidade de refletir e mobilizar a opinião pública. Para Vizeu (2008, p. 7), um ponto em comum desses novos projetos colaborativos é o constante questionamento das esferas institucionais dando

86,4% dos brasileiros acessam a Internet e navegam na rede em média 4 horas, 20 minutos e 30 segundos por mês <http://iabbrasil.ning.com/main/search/search?q=socialmedia>

5. Em 1994, vinte jornais no mundo —a maioria nos Estados Unidos e Canadá— tinham uma página na *web* onde colocavam seus conteúdos copiados da edição impressa, para disponibilizá-los aos leitores. Um ano depois, 78 jornais já tinham criado páginas na *web* onde colocavam os conteúdos dos seus jornais impressos, e em 1996 este número se multiplicou, já era possível verificar um total de 1929 produtos jornalísticos na Internet (Albornoz, 2007). Hoje, catorze anos depois, existem no ciberespaço cerca de 15 420 jornais digitais no mundo (<http://www.wan-ifra.org/>).

maior relevo à liberdade de publicação, a autonomia do usuário e a livre circulação de informação. De fato, pela primeira vez, a hegemonia do jornalismo como *gatekeeper* do acervo noticioso está ameaçada, não só pela tecnologia e pela concorrência de mercado, mas também pela participação do público. No processo de evolução das mídias digitais, desde o *boom* dos *blogs* até a introdução de softwares de edição, a ação dos cidadãos na criação de conteúdos revela-se essencial na modelagem das comunicações digitais interativas. Várias questões de relevância surgem no debate sobre as redes colaborativas de jornalismo, pois as experiências de colaboração na produção midiática são geralmente experimentais. As várias vozes que compõem e modelam o discurso midiático como um sistema de interação e interdependência fornecem uma rota preliminar para um desenvolvimento maior do conceito de “participação em mídias”. Segundo Herbert Gans⁶, a participação dos usuários é vital para valorizar a qualidade do jornalismo e fortalecer a democracia porque “Um olhar multi - perspectivo abre radicalmente espaços de opinião e intervenção da população”⁷. Sem dúvida, o jornalismo participativo tende a transformar os modos de representação dos acontecimentos. E as melhores experiências do jornalismo tradicional associadas ao jornalismo participativo têm o potencial de criar um ambiente informativo mais rico, competente e representativo do que qualquer experiência previa de relatos jornalísticos (MIEL & FARIS, 2008, p. 41). A emergência do cidadão - repórter como um sujeito produtor de conteúdo é uma realidade que modifica as normas que regem as relações entre os jornalistas, as fontes, e os fatos sociais transformados em notícias (MALINI, 2008, p. 5). No entanto, parte expressiva do jornalismo participativo ainda se mantém dependente de grandes organizações de mídia. Ainda é a produção de uma determinada mídia o que a redes criticam, misturam e reciclam através da inclusão da opinião de milhões de usuários (DEUZE; BRUNS; NEUBERGER, 2007, p. 26). Sem dúvida, as características do jornalismo digital aparecem majoritariamente como potencializações e continuidades e não necessariamente como rupturas com relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores (PALÁCIOS, 2002, p. 6). E segundo o in-

6. Entrevista a Herbert Gans publicada no PressThink em Janeiro de 2004. Disponível em: http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2004/01/13/interview_gans.html

7. Disponível em: http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2004/01/13/interview_gans.html

forme do *Congressional Research Service* nos Estados Unidos, a relação de atual interdependência entre jornais impressos e jornais publicados *on-line* é evidente⁸. As evidências da interdependência ainda existente entre os produtos impressos e digitais não são a única relação existente entre a internet e os jornais impressos ou entre a *web* e os telejornais. Para Manovich (2005), muitos dos objetos da nova mídia são conversões de variadas formas de mídia massiva. Peças de vídeos ou registros sonoros disponíveis na criação de matérias jornalísticas televisivas há muitos anos são hoje parte expressiva de elementos que compõem conteúdos e formatos de notícias nas plataformas e interfaces de novas mídias, com a diferença de que entram no cenário com uma lógica bastante diferente daquela imposta pela sociedade pós-industrial. O resultado é uma customização individual (MANOVICH, 2005, p. 51) na qual os usuários recebem informação dependendo de parâmetros como gostos, idade ou formação, em oposição a uma estandardização em massa na qual a informação é publicada para um consumo generalizado sem destinatários muito específicos.

De qualquer modo, devemos considerar que as redes já reconfiguram as práticas jornalísticas e são ambientes importantes para dar visibilidade a atores sociais e temáticas distintas. *Citizen journalism*, *Grassroots journalism*, *Participatory journalism* e *People's media* foram alguns dos conceitos criados para catalogar o incremento da participação do usuário na produção jornalística (VIZEU, 2008, p. 6). Há uma distinção entre a lógica de oferta que caracteriza as mídias tradicionais (radio, imprensa e televisão), a qual funciona por emissão de mensagens num modelo Um \rightarrow Todos, e a lógica de demanda que caracteriza usos de novas tecnologias da informação, inclusive na prática do jornalismo digital, marcada pela disponibilização e acesso, em um modelo de Todos $\leftarrow \rightarrow$ Todos (PALÁCIOS, 2002, p. 5). O ciberespaço oferece vantagens à prática jornalística porque as redes estabelecem rotinas diferenciadas de produção de conteúdos, flexibilizando a organização do trabalho jornalístico (Machado, 2007).

No entanto, esgotar a compreensão do jornalismo digital como uma prática comunicativa e de gestão de informação resultante apenas dos avanços tecnológicos é ignorar seu impacto como uma forma de comunicação que envolve novas linguagens, lógicas de consumo da informação e construções de

8. Disponível em: <http://loc.gov/crsinfo>

discursos e sentidos sobre a atualidade. O determinismo tecnológico não dá conta de modo pleno de questões importantes no debate sobre os efeitos das tecnologias digitais no jornalismo, na mídia e na vida social. O suporte digital supõe leituras e representações diferentes dos acontecimentos. A internet tem provocado mudanças nas expectativas e condutas das audiências. Por causa disso, é necessário reconsiderar os próprios princípios de construção de notícias (FONTCUBERTA E BORRAT, 2006, p. 141). E nesse percurso, o grande desafio do jornalismo digital é encontrar uma linguagem própria, democratizar suas interfaces (PENA, 2005, p. 180), gerando ainda maior contextualização dos acontecimentos e representações mais diversas dos fatos sociais (BECKER, 2009). O jornalismo digital apresenta-se como uma estrutura “de árvore” onde o leitor deve navegar em uma base de dados, e é preciso compreender as novas características intrínsecas do hipertexto, que traz uma nova maneira de ler e escrever as notícias (Salaverría, 2005, p. 3; Diaz Noci, 2006, p. 3). As abordagens sobre o fenômeno da participação da população na própria existência da mídia dão conta da existência de um caminho de possibilidades para o seu desenvolvimento, sugere perspectivas, mas ainda não apontam enquadramentos e modelos determinantes de análise, em função da atualidade desses processos. Esse fenômeno implica questões complexas como o atual poder da mídia tradicional, o tipo de informação espalhada pelas redes, a definição do que pode ou não ser considerado conteúdo jornalístico, a identificação dos suportes digitais que abrigam os conteúdos noticiosos e as modalidades do exercício da “intervenção” realizada pelos usuários na construção dos textos por meio de processos interativos.

Segundo Bowman & Willis (2003, p. 55), uma questão essencial é entender como é possível construir matérias mais interessantes a partir dos fatos sociais nas redes colaborativas de jornalismo participativo. A qualidade dos produtos informativos nessas redes, os processos e rotinas produtivas (o que inclui a checagem e seleção de pautas e fontes), a formação e preparação dos colaboradores, e a potencial visibilidade de uma realidade que recebe pouca cobertura pela mídia tradicional são perguntas importantes nas pesquisas sobre redes colaborativas. Neste trabalho, como já referido, questiona-se se o jornalismo participativo constitui uma experiência midiática que aporta na criação de conteúdos de maior qualidade, por meio de uma análise comparativa quantitativa e qualitativa da cobertura jornalísticas dos terremotos de Haiti (janeiro 2010) e do Chile (fevereiro 2010) dos *sites* de redes colabora-

tivas: NowPublic e iReport. Pretende-se ainda identificar características dos processos de construção de notícias nas redes colaborativas e verificar se as atuais apropriações das ferramentas digitais têm contribuído para um aperfeiçoamento dos conteúdos e formatos noticiosos e das práticas jornalísticas no ambiente digital. Em acordo com Becker (2009), “Novas apropriações da linguagem audiovisual e dos recursos multimídia podem colaborar para a promoção de um jornalismo de qualidade”. Embora a autora afirme que as definições das práticas jornalísticas de qualidade na televisão e na *web* ainda não estão claras e a sistematização de parâmetros mais precisos é questão relevante nas reflexões críticas sobre a função do jornalismo na atualidade, explica que qualidade de relatos jornalísticos audiovisuais pressupõe diversidade de temas e de atores sociais, pluralidade de interpretações, inovações estéticas e contextualização dos acontecimentos (BECKER, 2009, p. 44).

A reflexão crítica sobre os processos de produção colaborativa de conteúdos jornalísticos é mesmo complexa. Algumas respostas sobre a qualidade dos conteúdos publicados nesses *sites* são apresentadas a partir de uma análise comparativa quantitativa e qualitativa. A análise quantitativa é realizada por meio da aplicação de 4 categorias de análise amparadas pelas contribuições de Palácios (2002), Albornoz (2007), Diaz Noci (2003), Mielniczuk e Barbosa (2005). São elas: *hipertextualidade*, *interatividade*, *multimedialidade e memória*. Na análise comparativa qualitativa são aplicadas outras 4 categorias sistematizadas por Becker (2005, 2010), a *estrutura narrativa*; a *temática*, os *enunciadores*; e a *edição*, associadas a 4 princípios de enunciação: a *dramatização*, a *fragmentação*, a *definição de identidade e de valores*, e a *ubiquidade*. Essas categorias escolhidas são importantes na análise comparativa das matérias disponibilizadas pelo NowPublic e pelo iReport, pois têm a capacidade de fornecer dados relevantes sobre as suas produções jornalísticas e verificar se estão associadas o não aos atuais parâmetros de jornalismo de qualidade.

Uma análise comparativa quantitativa e qualitativa

O principal objetivo dessa investigação é analisar características da produção colaborativa de notícias, por meio de um estudo da cobertura jornalística dos terremotos do Chile e do Haiti do iReport da CNN e do NowPublic, observando como essa prática influencia a qualidade do jornalismo. Os dois

acontecimentos receberam destaque nas edições do iReport e do Now Public, e suas coberturas jornalísticas realizadas no primeiro semestre de 2010⁹ são exemplos ilustrativos de produção colaborativa de conteúdos noticiosos no ciberespaço. O total de 380 matérias publicadas em conjunto entre os dois *sites* e sobre ambos os terremotos foi postado por 152 colaboradores. Isso quer dizer que em média, cada usuário publicou 1,51 matérias. Os conteúdos do iReport sobre os dois terremotos foram publicados por 107 colaboradores, dos quais 63 postaram informações sobre o terremoto do Haiti e 44 sobre o do Chile. As matérias do NowPublic foram publicadas por 45 colaboradores, 35 publicaram conteúdos sobre o Haiti e 10 sobre Chile. Na cobertura do iReport sobre o terremoto de Haiti publicaram-se em média 1,26 matérias por dia durante o período de análise. A cobertura do acontecimento chileno correspondeu a 1,20 matérias publicadas por dia no mesmo período investigado. O número de matérias publicado na cobertura do NowPublic sobre o terremoto de Haiti é bem menor, 0,24 matérias por dia durante o período analisado. A cobertura do terremoto de Chile é de 0,16 matérias por dia no mesmo período. Percebe-se que os a maior quantidade de matérias foram publicadas nos meses nos quais aconteceram os dois terremotos, janeiro (Haiti) e fevereiro (Chile). O total das matérias foi sistematizado em acordo com cada um dos formatos identificados. E o percurso de análise da totalidade de conteúdos publicados

9. Na cobertura do iReport foram registrados um total de 230 matérias, publicadas entre os dias 12 de janeiro e 14 de julho de 2010. As 230 matérias estão compostas de textos, ensaios fotográficos e vídeos. No caso do NowPublic, o *site* registrou 58 matérias publicadas entre os dias 15 de janeiro e 19 de julho de 2010. No caso da cobertura do terremoto do Chile, o iReport também produziu um home exclusivo para a publicação do material dos usuários cadastrados. Foram publicadas 72 matérias sobre o terremoto, a primeira no dia 27 de fevereiro e a última no dia 17 de março de 2010. As matérias são compostas por textos, fotografias e vídeos. O terremoto chileno teve também cobertura no *site* do NowPublic. Um total de 20 matérias foram publicadas no *site*, a primeira no dia 27 de fevereiro e a última no mês de maio. A cobertura jornalística do terremoto do Haiti pelo CNN iReport, prolongou-se por seis meses e dois dias, do dia 12 de janeiro de 2010 até o dia 14 de julho de 2010. Nesse período, foram publicadas 230 matérias no site. A cobertura do NowPublic do terremoto do Haiti teve maior tempo de duração, um total de sete meses, de janeiro de 2010 até agosto de 2010, porém, foi publicado um número bem menor de matérias, um total de 58 notícias sobre esse acontecimento nesse período de análise. Já no caso da cobertura do CNN iReport do terremoto do Chile, a duração da cobertura foi de dois meses, iniciada no dia 27 fevereiro de 2010 e finalizada no dia 7 de março de 2010 e neste período foram publicadas 72 matérias relacionadas ao fato. A cobertura do NowPublic do terremoto do Chile também foi mais extensa e durou 6 meses, de 14 de janeiro de 2010 até julho do mesmo ano, e 20 reportagens foram disponibilizadas.

permitiu observar a existência de seis formatos distintos. Eles são: *somente texto impresso*, quando a notícia foi divulgada sem o auxílio de material audiovisual ou sonoro; *somente foto*, quando a notícia consiste em uma única fotografia o grupo de fotografias; *somente vídeo*, quando há apenas material audiovisual; *texto impresso com foto*, *texto impresso com vídeo* e *texto com fotografia e vídeo*. A análise quantitativa das coberturas dos terremotos do NowPublic e do iReport revela algumas semelhanças, porém também diferenças importantes entre os dois sites, especialmente naquilo que se refere à contextualização das narrativas e os modos de uso e organização do material audiovisual na construção das notícias, como sistematizado nas tabelas abaixo:

Os dados já apurados na análise quantitativa permitem avançar na análise comparativa qualitativa com maior precisão do *corpus* e observando, especialmente, se os usos da linguagem audiovisual e de recursos multimídia no ambiente digital têm colaborado para uma produção jornalística de maior qualidade, marcada pela diversidade de temas e atores sociais, assim como pela pluralidade de interpretações dos acontecimentos (Becker, 2009), especialmente nas redes colaborativas de conteúdos noticiosos. A inserção da dimensão teórica e metodológica da análise televisual é fundamental neste percurso num primeiro momento por meio da aplicação de um conjunto de categorias elaboradas por Becker (2010, p. 118) capazes de oferecer pistas para a compreensão dos processos de significação dos textos audiovisuais e de princípios de enunciação aplicados primeiramente na análise do telejornal realizada pela autora (BECKER, 2005), os quais também podem ser utilizados na análise qualitativa dos conteúdos audiovisuais noticiosos publicados no ciberespaço, uma vez que as narrativas jornalísticas audiovisuais tornam-se híbridas e demandam a utilização de categorias que dêem conta dessas mudanças nas investigações das rotinas produtivas e dos estudos de representações dos acontecimentos por diferentes gêneros noticiosos. Sob essas perspectivas, que permitem um aprofundamento dessa investigação e da reflexão crítica aqui proposta, é realizada a análise qualitativa de um *corpus* formado por 17 matérias que revelam maior aproveitamento de recursos multimídia - 10 do iReport, das quais oito pertencem ao terremoto de Haiti e dois ao do Chile, e sete do NowPublic (cinco de Haiti e dois do Chile), publicadas entre janeiro e agosto de 2010. Observa-se que 4,47 % das notícias no período de 213 dias, entre a primeira publicação em janeiro e a última em agosto con-

Tabela 1: **Análise comparativa quantitativa da cobertura do Haiti**

	CNN iReport	NowPublic
Hiper-textualidade	Há 44 enlaces que direcionam o leitor a matérias do próprio iReport. Disponibilizaram-se em média 5,5 links por matéria na cobertura do terremoto.	Um total de 31 links externos aparecem nos cinco conteúdos, o que significa uma média de 6,2 enlaces por matéria; enquanto 40 enlaces foram disponibilizados para matérias do próprio NowPublic (todos numa matéria única).
Multi-mídia-idade	As matérias com formato texto impresso, fotografia e vídeo representam o 3,48 % do conteúdo noticioso disponibilizados, um total de 8 vídeos e 26 fotografias.	Não há registro sonoros nos relatos que não sejam parte de conteúdos de vídeo. O material multimídia é composto por 12 fotografias e 13 vídeos.
Inter-atividade	Cinco colaboradores publicaram as 8 matérias e foram registrados 87 comentários dos leitores. O conteúdo de todas as notícias pode ser exportado para as redes sociais como Facebook.	As cinco matérias publicadas foram postadas por cada um dos cinco colaboradores. Cada usuário cadastrado conta com uma identidade no site, é informado sobre a quantidade de matérias publicadas e tem acesso a um histórico dos conteúdos postados.
Memória	A cobertura do acontecimento é totalmente recuperável mediante a opção de busca inserida no site.	A cobertura do acontecimento é totalmente recuperável mediante a opção de busca inserida no site.

tém o formato Texto, fotografia e vídeo, ou seja, em um grupo de 25 matérias disponibilizadas nestes *sites* há apenas uma que apresenta este formato. São aplicadas quatro categorias (*estrutura narrativa temática, enunciadores e edição*), associadas a três princípios de enunciação: dramatização, fragmentação, definição de identidade e de valores, ubiqüidade, já referidos, buscando compreender como iReport e NowPublic construíram suas representações dos terremotos do Chile do Haiti, atribuindo valores a esses acontecimentos

Tabela 2: Análise comparativa quantitativa da cobertura do Chile

	CNN iReport	NowPublic
Hiper-textualidade	Há 1 link que dirige o leitor a matérias do próprio iReport. Não há enlaces à páginas exteriores, fora do site.	Foram disponibilizados oito enlaces para matérias fora do site e cinco para matérias do próprio NowPublic. Alguns dos sites externos para os quais são direcionados o links são: BBC, CBS, AFP e New York Times.
Multi-medialidade	As matérias com formato texto impresso, foto e vídeo representam 2,78 % do conteúdo publicado, formado por 2 vídeos e 18 fotografias. Nos relatos das notícias os recursos multimídia antecedem os textos impresso.	O material audiovisual não é produzido pelos próprios gerenciadores de conteúdos do site, pois o YouTube é a fonte dos vídeos. Não há registro sonoros nos relatos que não sejam parte de conteúdos de vídeo.
Inter-atividade	Os dois conteúdos com formato texto, fotografia e vídeo foram produzidos por um usuário único. As matérias têm ligação direta com conteúdos de redes sociais como Facebook desde cada uma das matérias.	Um só colaborador postou as duas matérias sobre o acontecimento. Cada usuário cadastrado conta com uma identidade no site, é informado sobre a quantidade de matérias publicadas e tem acesso a um histórico dos conteúdos postados.
Memória	A cobertura do acontecimento é totalmente recuperável mediante a opção de busca inserida no site.	A cobertura do acontecimento é totalmente recuperável mediante a opção de busca inserida no site.

A cobertura de ambos os terremotos foi sem dúvida um dos acontecimentos midiáticos mais importantes de 2010. No caso de Haiti, a força destrutiva do terremoto numa das nações mais pobres do mundo significou um “redescobrimto” do país, raras vezes mencionado nas agendas da mídia mundial, pouco conhecido pela comunidade internacional e com um peso político inexistente, enquanto para o Chile, o terremoto significou uma prova de resistência para uma das nações mais prósperas da América Latina. Contudo, ambos os acontecimentos estiveram marcados por um aspecto em comum:

na contemporaneidade os meios de comunicação e a comunidade internacional reagem, simultaneamente, e em direções muito semelhantes diante de uma problemática econômica e humanitária gerada por um desastre ambiental, nestes casos, pela força destruidora de um terremoto. A principal temática das coberturas jornalísticas sobre os terremotos do Chile e do Haiti é a ajuda humanitária. Porém, nenhuma delas concentra-se em relatar informação sobre os efeitos do terremoto na economia, na infra-estrutura, e na política, ou em fornecer informações para uma maior compreensão do terremoto como fenômeno/desastre natural revelando as causas, a intensidade. As coberturas ressaltam os efeitos destrutivos do terremoto e os dramas de caráter pessoal ou comunitário, em detrimento dessas informações, costurada por vezes de autoridades ou oficiais dos governos. No entanto, observa-se ainda que os colaboradores das redes estudadas ainda tendem a exaltar o despreparo e a impotência da população dos dois países, embora até justificada pelo tamanho da devastação, situação que remete ao princípio de enunciação da “dramatização”.

Muitas vezes evidencia-se falta de ordem ou de clareza nos relatos ou ainda ausência de algumas regras básicas de estilo de redação nas notícias. Os conteúdos que formam o *corpus* desta análise são textos que não têm uma estrutura narrativa rígida, apresentam formatos bastante flexíveis. Muitas notícias são constituídas por apenas uma frase sem uso regular de *links* para outros conteúdos associadas ao fato social, por breves declarações de autoridades e de personagens, e por modos muito personalizados de relatar e abordar os acontecimentos. O princípio da “fragmentação” marca as enunciações das notícias, inclusive nas redes colaborativas, pois dificilmente um texto fornece aos leitores informações que possa gerar uma compreensão mais ampla e contextualizada dos acontecimentos. De modo geral, as notícias são mais recheadas de opiniões do que de fatos. Há também uma espécie de divisão entre dois grupos de enunciadores nos textos. O primeiro reúne as vozes da ajuda humanitária e denuncia social originárias de espaços de enunciação não afetados pelos terremotos. Esses depoimentos costumam as narrativas. O segundo grupo é formado por enunciadores não visíveis, a maior deles carentes, porém perceptíveis através das construções discursivas dos próprios redatores e das fontes da informação. Os poucos depoimentos das pessoas afetadas pelos terremotos quase nunca identificados, as vítimas parecem não ter nome, origem, profissão ou idade, parecem não ser gente. A aplicação do princípio

da “definição de identidades e valores” revela como esses cidadãos, e os próprios usuários dos referidos sites, são incluídos, desse modo, em um drama midiático. Além disso, as fontes selecionadas pelos repórteres para construir os relatos tem pouco credibilidade, principalmente porque há ausência de apuração, de um trabalho de campo jornalístico, de investigação. A maioria das matérias não é produzida por repórteres colaboradores que estão no local do acontecimento, das 17 matérias estudadas na análise qualitativa, apenas duas correspondem a informações apuradas pelos autores da publicações em território chileno ou haitiano. Por isso, há um expressivo excesso de informações extraídas de veículos de mídia tradicional, e de fontes de informação de domínio público como as Cruz Vermelha Internacional ou das Nações Unidas, o que permite questionar a diversidade de vozes e a pluralidade de interpretações, que caracterizam um jornalismo de qualidade, como já referido. Embora as redes colaborativas como os grandes conglomerados de mídia promovam uma ilusão de que o usuário do site pode ver tudo e estar presente em todo lugar, em acordo com o princípio da “ubiquidade”, a cobertura jornalística dos terremotos do Haiti e do Chile feitas pelos NowPublic e pelo iReport, não oferece outros pontos de vista sobre o acontecimentos e matérias contextualizadas. Há falta de diversidade de conteúdos e também estética. Em geral há pouca sincronia entre os elementos audiovisuais da narrativa, principalmente no caso do material fotográfico, pois não existe nenhum tipo de associação entre as fotos e os textos verbais que formam uma mesma matéria, o que poderia até resultar em rupturas ou modos de ver o real mais inovadores. Por causa disso, elas não acompanham, ilustram, ou promovem outras perspectivas de compreensão do que é diretamente narrado na matéria. Os vídeos carecem de identificação e não acrescentam novas informações aos relatos. E os recursos multimídias, de modo geral, são utilizados fora do corpo textual das matérias.

Apesar disso, a participação dos usuários na construção das notícias provoca sem dúvida uma mudança na mediação jornalística, nas formas de produção de notícia, e um valor maior para as audiências e a sociedade civil. Sugerimos que as redes colaborativas jornalísticas não oferecem exatamente uma produção de notícias de maior qualidade, seu maior valor não reside na difusão de notícias capazes de atribuir outros sentidos aos fatos sociais, mas no seu potencial como instrumento estratégico de comunicação entre pessoas de diferentes partes do mundo, um processo que pode gerar reproduções de valores da mídia massiva ou transformações, como o ativismo social, como

será possível observar na análise dos depoimentos do Twitter sobre as coberturas do iReport dos dois terremotos no período de janeiro a agosto de 2010.

Usos e apropriações dos conteúdos no Twitter

O principal objetivo desse estudo foi analisar como a cultura de produção de informação no ciberespaço em formação e as redes colaborativas, mais precisamente o iReport da CNN e o NowPublic, têm influenciado as práticas jornalísticas na *web*. Porém, interessados ainda em compreender também como os usuários atribuem sentidos aos acontecimentos, buscando ampliar a reflexão sobre a qualidade das notícias sobre os dois acontecimentos do ponto de vista da recepção, são investigados os conteúdos disponibilizados sobre os terremotos do Chile e do Haiti numa ferramenta de *micro-blogging*: o Twitter.

As informações no Twitter são constituídas por frases curtas por causa da restrição da quantidade de letras (140 caracteres), e essa prática tem criado um modo de transmitir notícias diferente. As enunciações geradas têm algumas características como a simplicidade dos textos, o uso de gírias, e poucas palavras para aproveitar o espaço. O estudo dos usos e as apropriações dos conteúdos sobre ambos os terremotos na conta iReport apresenta peculiaridades sobre o modo como os usuários produzem sentidos sobre os acontecimentos a partir de conteúdos noticiosos disponibilizados nas redes colaborativas e também sobre novas características dos relatos jornalísticos na *web*. A compreensão do valor da análise do discurso proposta por Fairclough (2001) e os princípios sistematizados por Pinto (*apud* Becker, 2005, p. 28-30) amparam esse estudo das enunciações geradas no Twitter. Afinal, como sugere Fairclough (2001), os discursos são práticas sociais e os sentidos sobre os acontecimentos são resultantes dos modos como as redes colaborativas, os portais jornalísticos, e os usuários produzem e interpretam às notícias, como foi possível observar na análise dos *tweets* sobre os terremotos disponibilizados pelo iReport. Em acordo também com o postulado da “Heterogeneidade Enunciativa” sistematizado por Pinto (*apud* Becker, 2005, p. 29), o qual “colabora para compreensão dos fenômenos da comunicação, relativizando o poder da mídia frente a uma hegemonia do receptor” (Becker, 2005, p. 29), observa-se que todo o discurso é constituído por diferentes vozes explícitas diretamente ou não no texto.

A circulação de informação sobre ambos os terremotos foi iniciada imediatamente após a publicação de notícias sobre cada um dos na rede e os *tweets* foram disponibilizados pelo próprio iReport. Os *tweets* sobre o terremoto de Haiti pela conta do iReport foram publicados diariamente do dia 12 de janeiro de 2010 até o dia 27 do mesmo mês, com exceção dos dias 23 e 24 quando as mesmas não foram registradas. Houve um total de 76 *tweets* disponibilizados no período de janeiro até agosto de 2010, o mesmo período de análise escolhido na etapa da análise qualitativa e quantitativa. É importante verificar que 74 dos 76 *tweets* foram postados em janeiro, enquanto dois foram publicados em junho, seis meses após o terremoto. No mês em que a maioria de mensagens foi postada, os terremotos do Haiti e do Chile não foram os principais destaques. Os acontecimentos de maior repercussão nesse período foram: o Superbowl XLIV, o informe do presidente Obama à nação, o clima de inverno nos EUA e o lançamento e fama do iPad nesse país. No caso chileno, a conta do iReport gerou 19 *tweets*, 17 publicados em fevereiro, mês do terremoto. A maioria destas mensagens, um total de 12 *tweets*, foi publicada no dia 27 de fevereiro, data em que aconteceu o terremoto. Apenas dois dos 19 *tweets* foram postados em março. Tal como aconteceu na etapa de análise qualitativa, o volume de informação produzida e veiculada no assunto haitiano é maior do que no chileno. Porém nos dois casos evidencia-se que a geração de *tweets* sobre diferentes temáticas, todas relacionadas com os terremotos, é conjuntural, pois não há um seguimento das coberturas dos terremotos através de *tweets* nas semanas ou meses seguintes. Portanto, no caso das coberturas de Haiti e Chile, o Twitter foi usado para transmitir informações num prazo de tempo curto e imediatamente após as catástrofes.

No Twitter, a veiculação de informações sobre os terremotos de Haiti e do Chile teve uma dinâmica de produção e recepção de mensagens bastante variável. Um primeiro olhar revela que no caso haitiano os textos breves e curtos estiveram associados aos efeitos devastadores do terremoto, os quais agravaram as condições de pobreza já existente no país, e ao desespero da população para encontrar a familiares ou para conseguir doações de água e alimentos. “Palavras-chave” como “apoio”, “ajuda”, “busca” ou “desesperação” são recorrentes nos textos estudados. No caso do Chile, as mensagens destacaram os efeitos dos terremotos no cotidiano das pessoas. Em outras palavras, os sentidos dos acontecimentos foram construídos por abordagens e repertórios

muito personalizados revelados nos relatos de experiências e avaliações pessoais do acontecimento.

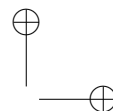
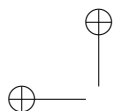
As diferenças temáticas nas postagens de *tweets* sobre cada acontecimento são imediatamente percebidas graças aos *hashtags*(#), símbolos que aparecem antes de uma palavra-chave em cada mensagem para mostrar ao leitor qual *Trending Topic* está sendo promovido na rede. Por exemplo, #terremotohaitiano é um *hashtag* que categoriza a temática veiculada no *tweet* para uma busca e leitura mais efetivas das mensagens postadas sobre este acontecimento. Aqui cabe notar que nos *tweets* sobre o terremoto haitiano, o *hashtag* mais recorrente foi #haitimissing (pedidos em Haiti), enquanto no caso chileno, #chilequake foi o mais popular. É por meio da observação dessas características de formatação das mensagens, é possível observar quais foram alguns dos aspectos mais valorizados na geração de *tweets*. No Haiti, a busca de pessoas perdidas e a necessidade de informações sobre centros de ajuda e socorro foi uma das questões mais referidas pelos usuários.

É importante explicar que os *tweets* têm propósitos diferentes, independentemente do terremoto que foi tratado. Alguns deles são informam ou comentam uma situação específica (neste último caso, sobre pessoas perdidas no Haiti), enquanto outros são textos que levam o leitor a se interessar pela leitura de outras matérias disponibilizadas em um *site*, neste caso, do próprio iReport. A maioria de *tweets* leva o leitor à página principal do iReport, onde ele poderá começar um percurso de leitura das matérias publicadas no site do iReport sobre o terremoto. Os *tweets* representam as atribuições de sentidos dos usuários sobre os acontecimentos estudados, os quais não têm como distinguir de imediato as diferenças entre os conteúdos jornalísticos na internet, sejam eles de redes colaborativas ou não, e as informações transmitidas apenas em comentários, opiniões e, inclusive, em boatos que circulam no ciberespaço. Se dificilmente o Twitter pode ser, pelo menos no seu estágio atual de evolução, considerado como uma forma inovadora de jornalismo digital (Aguiar, 2011), representa um novo modo de distribuição e consumo de informação pelos leitores nas telas dos seus computadores. É claro que no caso das coberturas que o iReport realizou dos terremotos de Haiti e Chile, o Twitter serviu como um instrumento de alerta sobre os efeitos imediatos dos terremotos (destruição, insegurança, perigo nos espaços públicos, etc.). Porém, além da discussão sobre a sua natureza ou função na comunicação jornalística atual, suas apropriações revelam que o Twitter já se constitui em um ambiente

de mediação dos conteúdos informativos derivados das coberturas dos *sites*, o qual expressa a valorização do público de determinados acontecimentos em detrimento de outros, ou de aspectos específicos das notícias publicadas.

Verifica-se que a sequência de publicação de *tweets* sobre os terremotos de Haiti e Chile pelo iReport, assim como as notícias de outras fontes de informação da grande mídia ou das redes colaborativas, está restrita às decisões ou escolha dos *community managers*, as pessoas responsáveis por disponibilizar os *tweets* do iReport. E a intervenção dos usuários na sequência de postagens está restrita ao *retweets*, quando um *follower* recircula um *tweet* que considere interessante. Ainda assim, em acordo com outro postulado de Pinto (*apud* Becker, 2005, p. 28), o da “Semiose Infinita”, os *tweets* sobre os terremotos de Haiti e Chile são textos abertos que nunca atingem um sentido único e final em si mesmo, e quase sempre remetem o leitor a outros textos informativos. Em geral, é possível identificar o uso dos *tweets* como formas de vinculação de conteúdos previamente editados, publicados e comentados como parte de uma matéria maior com os *followers* do *site*. Os *tweets* são, portanto, enunciações que dirigem os leitores a matérias anteriormente publicadas. Direciona o leitor a uma matéria publicada em página da *web* do próprio iReport, na qual foi postada um vídeo sobre os efeitos do terremoto em uma rua de Port-au-prince apenas horas depois do terremoto. Da mesma forma, no caso chileno, *tweets* levaram os leitores a consumir matérias compostas somente de material fotográfico em forma de *slideshow*, imagens acompanhadas de textos bem curtos. Como os conteúdos noticiosos disponibilizados nas redes colaborativas, a análise revela que nas enunciações dos *tweets* há um persistente apelo à “dramatização” e ausência de referências a informações jornalísticas mais contextualizadas.

Nota-se ainda que o princípio da “fragmentação” está também presente em todas as enunciações pela própria natureza reduzida, curta e incompleta das mensagens. Nesse sentido, as contribuições de Pinto (*apud* Becker, 2005, p. 29) ainda são relevantes porque a compreensão e a verificação do Postulado da Economia Política do Significante sistematizado pelo autor nesta investigação nos permitem constatar que a disputa de sentido, ou melhor, a supremacia na construção do sentido dominante, se dá no e pelo discurso (Becker, 2005, p. 29), em uma determinada lógica de produção, circulação e consumo de informação. Ainda que os *tweets* sejam por si mesmos uma expressão da seleção e da interpretação de conteúdos noticiosos realizada pelos leitores, muitas

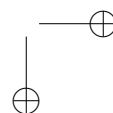
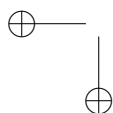


mensagem contém frases exatamente iguais as matérias nelas comentadas, apresentando uma relação muito direta entre os sentidos das enunciações postadas no Twitter e das notícias veiculadas nos portais jornalísticos e nas redes colaborativas sobre os mesmos acontecimentos.

Considerações finais

Em primeiro lugar, identifica-se que as redes colaborativas estão estruturadas sob uma lógica de produção de informação que coexiste com as rotinas produtivas dos *sites* da grande mídia, mas dificilmente deverão substituí-las, principalmente porque os seus modos de geração de conteúdos ainda são limitados, uma vez que não resultam de um trabalho de campo e de uma apuração consistentes e criteriosos capazes de oferecer abordagens distintas de um determinado fato na construção da notícia. O percurso da investigação indicou que a produção de informações jornalística nas redes colaborativas jornalísticas corresponde mais a uma ansiedade discursiva do que a busca de fontes ou temáticas novas, observando-se, inclusive, a persistente recorrência de informações, conteúdos e formatos extraídos das temáticas ou das agendas das grandes empresas de mídia. Embora as redes colaborativas efetivamente costurem seus conteúdos através do envolvimento de novos atores midiáticos, elas ainda não garantem um jornalismo de maior qualidade. Por esta razão, em acordo com a hipótese deste trabalho, é possível constatar que os conteúdos noticiosos audiovisuais colaborativos não têm garantido um aperfeiçoamento das práticas jornalísticas, o que corresponde ao segundo resultado aqui alcançado, ressaltando-se ainda que há uma carência de habilidades dos usuários para a produção de notícias que investem na multimídia.

No entanto, observa-se como um terceiro resultado que as redes colaborativas jornalísticas analisadas conseguem estimular o interesse do público para publicação de conteúdos, e têm um grande potencial a ser desenvolvido como ambientes inovadores de produção de conteúdos jornalísticos de qualidade, ou seja, temáticas mais inventivas, inserção de fontes e de depoimentos de atores sociais mais diversos, e maior cuidado na redação e no uso dos recursos multimídia. Sem dúvida, a inserção de pessoas comuns nas rotinas produtivas tem constituído novos processos de produção, circulação e consumo de informações, os quais geram propagação instantânea de notícias



e novos tipos de experiências de interação na vida social, expressos especificamente no Jornalismo na participação dos cidadãos na construção dos textos noticiosos e no ingresso de conteúdos colaborativos na web, os quais demandam novos estudos porque reconfiguram a prática jornalística e a sua mediação, e constituem-se como questões relevantes e complexas, as quais este trabalho não tem qualquer pretensão de dar conta de modo pleno.

Esse estudo também aponta como um quarto resultado importante que as redes colaborativas jornalísticas já funcionam como espaços de debates sobre os principais acontecimentos do mundo e de socialização de conhecimentos, e como fontes primárias de informação para matérias jornalísticas contextualizadas, ainda que alcance grupos sociais relativamente restritos. Os acontecimentos referentes aos desastres naturais são abordados através de textos que fornecem aos leitores mais informações sobre os esforços humanitários e sobre a ajuda da comunidade internacional, do que uma cobertura e uma percepção mais ampla dos acontecimentos. Por isso, a compreensão de que o volume de informação veiculado sobre desastres naturais é formado, principalmente, por textos com propósitos humanitários corresponde ao quinto e último resultado alcançado nesta pesquisa.

A participação dos usuários para a formação e promoção de comunidades digitais de geração de conteúdos na *web*, especialmente em plataformas que promovem o jornalismo é uma prática que avança com uma velocidade maior do que as pesquisas que tentam apontar algumas respostas sobre o tipo de relações sociais e mediações que acontecem entre os cidadãos, as mídias e a sociedade contemporânea, interligados através das redes de comunicação instantânea. Acreditamos que há muito a ser estudado sobre a produção de conteúdos colaborativos na rede, seja ela jornalística ou não. Num futuro próximo parece inevitável a introdução da lógica e dos pressupostos da Web 3.0 na nossa cotidianidade, introduzindo um novo paradigma na relação semântica entre os computadores, programadores e cidadãos. Os atuais estudos, porém, são importantes para compreender a contínua evolução das mídias e da prática jornalística. Esse trabalho procura ser uma contribuição, fornecendo algumas respostas sobre as características e o desenvolvimento dos processos de produção de conteúdos noticiosos colaborativos, aqui compreendidos como fenômenos culturais relevantes na contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

- ALBORNOZ, Luis, *Periodismo digital. Los grandes diarios en la red*, Ediciones La Crujía, Madrid, 2007.
- ALVES, Rosental, *Jornalismo digital: 10 anos de web... e a revolução contínua*, Revista do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, v. 9-10, 2006.
- ANTOUN, Henrique, *A web 2.0 e o futuro da sociedade cibercultural*, In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, 2-6 setembro de 2008.
- _____, Henrique, *Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia*, Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 16, dezembro de 2001.
- BARBOSA, Suzana, *Jornalismo on-line: dos sites noticiosos aos portais locais*, In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande, setembro de 2001.
- BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris, *We Media: How audiences are shaping the future of news and information*, The Media Center at the American Press Institute, Reston, 2003.
- BECKER, Beatriz, *A linguagem do telejornal. Um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil*, E-Papers, Rio de Janeiro, 2005.
- _____, *Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção*, Estudos em jornalismo e mídia. Vol. 6, No. 2, 2009. disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/11336. Acesso em: 27 de junho de 2010.
- _____, *Uma experiência de Leitura de Mídia: do mito da imagem ao diálogo televisual*. Caderno de Letras (UFRJ), N.26, jun.2010, disponível em: http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/062010/textos/cl26062010Beatriz.pdf.
- DEUZE, Mark; BRUNS, Alex; NEUBERGER, Christoph, *Preparing for an age of participatory news*, Journalism practice, Bloomington, 29 de março de 2007, disponível em: <http://snurb.info/files/deuzebrunsneuberger2007.pdf>. Acesso em: 27 de julho de 2010.

- DIAZ NOCI, Javier; SALAVERRÍA, Ramón, Manual de redacción ciberperiodística, Ariel Comunicación, Barcelona, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman, Discurso e mudança social, Editora UNB, Brasília, 2001.
- FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Héctor. Periódicos: sistemas complejos, narradores y interacción, Editorial La Crujía, Buenos Aires, 2006.
- JOHNSON, Steven, Cultura da Interface- Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.
- LÖFFELHOLZ, Martin, WEAVER, David, Global journalism research. Theories, methods, findings, future, Blackwell Publishing, Oxford, 2008.
- MACHADO, Elias, O Ciberespaço como fonte para os jornalistas, Editorial Calandra, Florianópolis, 2007.
- MALINI, Fabio, Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo, In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, setembro de 2008.
- MANOVICH, Lev, The language of new media, The MIT Press, Boston, 2002.
- MARTIN-BARBERO, Jesus, Os exercícios do ver, SENAC, São Paulo, 2001.
- MATTELART, Armand, Historia de la sociedad de la información, Buenos Aires, Paidós Comunicación, 2002.
- MEDISTSCH, Eduardo, O Jornalismo é uma forma de conhecimento?, UFSC: 1997, disponível em
<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>.
- MIEL, Persephone; FARIS, Robert, News and information as digital media come of age, Berkman Center for Internet and Society at Harvard University, Cambridge, 2008.
- MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana, Digital Journalism. Democratizing social memory, Associação Brasileira de Pesquisa em Jornalismo SBPJor, 2005.
- PALÁCIOS, Marcos, Jornalismo on-line, informação e memória: apontamentos para debate, In: Jornadas de Jornalismo *online* da Universidade da Beira Interior, Covilhã, 12 - 22 de junho de 2002.

- PENA, Felipe, Teoria do jornalismo, Editora Contexto, São Paulo, 2005.
- RECUERO, Raquel, Redes sociais na internet, Editora Sulina, São Paulo, 2009.
- SALAVERRÍA, Ramón, Hipertexto periodístico: mito y realidad, In: III Congreso Internacional Comunicación y Realidad. Facultad de Ciencias de la Comunicación Universitat Ramon Llull, Barcelona, 2005.
- SIEGEL, Lee, El mundo a través de la pantalla, Urano Publishing, 2008.
- SHOEMAKER, Pamela, Entrevista, Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo SBPJor, novembro 10 de 2009, disponível em: <http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/?p=10017>. Acesso em: 15 de outubro de 2010.
- SODRÉ, Muniz, Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede, Editora Vozes, Petrópolis, 2008.
- TRÄSEL, Marcelo, Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias, UNIREvista, v. 1, n. 3, julho de 2006.
- VAZ, Paulo, Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade, Revista Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v. 3, 2006.
- VIZEU, Alfredo, Jornalismo Colaborativo: a experiência das redes, In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2 – 6 setembro de 2008.
- ZELIZER, Barbie, Taking journalism seriously: News and the academy, Sage publications, Londres, 2004.